

Lilith, a deusa do escuro

*Maria Soave Buscemi**

RESUMO

Memória é palavra antiga. Memória tem a ver com desejo. Neste breve ensaio sobre Lilith, quero acordar desejos. O desejo de procurar, na escuridão da noite, o rosto ambíguo e simultâneo de Lilith. O desejo perigoso de nomear as histórias das mulheres e de seus símbolos. O desejo escuro e lunar da superação de uma sociedade androcática e patriarcal alicerçada na violência do poder-sobre as mulheres, crianças e natureza. O desejo de sonhos úmidos e fecundos de “outro mundo possível”, mundo, onde caibam todos os mundos. O desejo meu e seu. O desejo de cura para a Humanidade e a Terra.

Palavras-chave: Lilith, memória, costela, perigosa, árvore, lua, escura.

Lilith, the goddess of darkness

ABSTRACT

Memory is an old word. Memory has to do with desire. In this short essay about Lilith, I want to awaken desires. The desire to seek, in the darkness of the night, the ambiguous and simultaneous face of Lilith. The dangerous desire to name the histories of women and its symbols. The dark and lunar desire of overcoming an androcratic and patriarchal society based on the

* Maria Soave Buscemi é missionária italiana. Integra o grupo de biblistas do Cebi - Centro de Estudos Bíblicos. Coordena a equipe de leitura feminista e de gênero desse centro. Colabora com diferentes revistas de leitura popular da Bíblia no Brasil e na América Latina. A autora trabalha sobretudo com poética ecofeminista de textos sagrados.
E-mail: mariasoave@ibest.com.br.

violence of the “power over” women, children and nature. The humid and fecund desire of dreams of “another world possible”, a world where all worlds may fit in. My desire, your desire. The desire of healing for Humanity and Earth.

Keywords: Lilith, memory, rip, dangerous, tree, moon, dark.

Lilith, la diosa de la oscuridad

RESUMEN

Memoria es una palabra antigua. Memoria tiene que ver con deseo. En este breve ensayo sobre Lilith, quiero despertar deseos. El deseo de buscar, en la oscuridad de la noche, la cara ambigua y simultánea de Lilith. El deseo peligroso de nombrar las historias de las mujeres y sus símbolos. El deseo oscuro y lunar del la superación de una sociedad androcática y patriarcal, fundamentada en la violencia del “poder-sobre” las mujeres, los niños y la naturaleza. El deseo de sueños húmedos y fecundos de “otro mundo posible”, un mundo donde puedan caber todos los mundos. Mi deseo, tu deseo. El deseo de cura para la Humanidad y la Tierra.

Palabras-clave: Lilith, memoria, costilla, peligrosa, árbol, luna, oscura.

Vá morar com o diabo

Ah, meu Deus, ahi meu Deus

O que há?

Ahi, meu Deus, ahi meu Deus

O que há?

A nega lá em casa não quer trabalhar

Se a panela tá suja ela não quer lavar

Quer comer engordurado e não quer cozinhar

Se a roupa tá lavada, ela não quer engomar

Se o lixo tá no canto, ela não quer apanhar

E pra varrer o barracão eu tenho que pagar
 Se ela deita de um lado, não quer se virar
 A esteira que ela dorme, não quer enrolar
 Quer agora um cadilac para ir passear
 Ela quer me ver bem mal
 Vá morar com o diabo que é imortal
 Ela quer me ver bem mal
 Vá morar com "sete pele" que é imortal**

Em memória delas... em nossa memória

Em 1390, o inquisidor da diocese de Milão, na Itália, frei Beltramino de Cernusculo, registrou em suas atas, que uma mulher camponesa, chamada Sibilla, confessou que ia periodicamente ao "jogo de Diana" ou "Madonna Oriente". Essa senhora era descrita como rodeada de animais. Ela ensinava às próprias discípulas a "virtude das ervas". O frei dominicano condenou, Sibilla à pena de morte, com outra mulher, trabalhadora camponesa, chamada Pierina. As duas eram viúvas e tinham uma condição econômica de autonomia em pequenas propriedades. Ao processo de condenação, estava presente o arcebispo de Milão, Antônio de Saluzzo. Uma característica dos relatos das mulheres era esta: elas diziam andar, à noite, no seguimento de Diana, montadas em bichos e percorrendo em vôo grandes distâncias.

Em memória dessas duas mulheres camponesas, que foram mortas, acusadas de bruxaria, mais de 600 anos atrás, eu quero escrever. Em memória de nós, mulheres, desprezadas e violentadas pelo poder patriarcal e, quando nomeamos, sabemos e voamos livres na construção de mundos e relações. Quero perguntar sobre esse saber e "voar livre" das mulheres. Quero perguntar sobre desejos e nomeações de um espaço místico, de um "topos", um "kairós" espiritual que é o tempo-espaço "noturno". Quero perguntar para memórias antigas, em "memória delas", na minha memória arquetípica, na nossa memória...

À noite... aquela que ressuscita os ossos secos...

Durante o processo por bruxaria de 1390, aquele contra as camponesas Sibilla e Pierina, mulheres do interior da diocese de Milão, as duas testemunharam ao inquisidor que "a senhora" a quem seguiam à noite, voando, fazia ressuscitar o gado que tinha morrido, tocando com uma varinha os ossos secos, fechados no couro dos animais.

Muito grande é a distribuição geográfica dos mitos e dos ritos centrados ao redor da colheita dos ossos dos animais mortos com o objetivo de fazê-los reviver.

Entre os antigos sumérios, existia uma deusa criada para curar a costela de Enki, um dos heróis da epopéia de Gilgamesh. Essa deusa chamava-se Nin-Ti, isto é, "a Senhora da costela".

A palavra em língua sumérica "ti" significa também "criar vida". O nome Nin-Ti pode, portanto, significar tanto "a Senhora que cria vida" como "a Senhora da costela". Na literatura suméria, (...) "a Senhora da costela" identifica-se como a "Senhora que cria vida" por meio do que pode ser designado um jogo de palavras. Foi esse jogo de palavras, um dos mais antigos nessas geografias e relações, que foi, provavelmente, introduzido no texto da Bíblia em Gênesis 2, 24b-ss. Esse jogo de palavras foi perpetuado na Bíblia, mas perdeu sua força e perdeu seu sentido antigo, dado que nada tem em comum no hebreu a palavra que significa "costela" e a palavra "que cria a vida".

Nos relatos e nos contos desde o norte da Europa até a África, entre os caçadores da região subártica da Lapônia, até os povos Ainu, das Ilhas Norte do Japão, por obra de uma divindade às vezes masculina e às vezes feminina, pelo uso de um bastão, de um martelo (quem sabe este martelo seja a mito-arqueologia do "martelo das bruxas" da Idade Média) ou de uma varinha, a vida volta no corpo dos animais mortos.

Para os povos indígenas do México, existe hoje, no deserto, um lugar especial onde o es-

** Samba brasileiro do início do século XX, interpretado por Cássia Eller no CD "Acústico MTV" em 2001.

pírito das mulheres e o espírito dos lobos se encontram no tempo.

Os indígenas do estado do Texas, nos Estados Unidos e uma antiga história dos astecas contam a respeito “Daquela que recolhe os ossos”, da Loba. Existe uma velha que vive em um lugar bem escondido do deserto, um lugar que todos conhecem, mas que poucos já viram. Como nas histórias da Europa Oriental, ela está à espera de todas as pessoas que se perderam e que precisam reencontrar-se...

A velha mulher é estranha, muito peluda, gorda; ela quer evitar qualquer tipo de companhia. Emite sons mais parecidos com aqueles dos animais. Dizem por aí que a velha vive no deserto em um lugar esquecido e abandonado, no território indígena de Tarahumara.

Ela possui muitos nomes entre os indígenas: “La Huertera – a Senhora dos ossos”; “La Trapera – Aquela que recolhe”; a Loba. A única ocupação da Loba é a colheita dos ossos. Notoriamente, recolhe e guarda, em particular, os ossos que correm o perigo de se perder pelo mundo afora. Sua gruta no deserto se encontra cheia de ossos, das mais variadas criaturas do deserto: o cervo, a cobra, o corvo. Porém, se diz por aí que sua especialidade é a colheita de ossos dos lobos.

A Loba se arrasta, cheira, peneira as montanhas e o leito seco dos rios, à procura de ossos de lobo, e, quando o último osso é recolocado no seu lugar, a Loba, então, senta perto do fogo e pensa em qual canto cantar. A Loba canta. Então, as costelas e os ossos das pernas da criatura morta começam a recobrir-se de carne, e as criaturas se cobrem de pêlo.

A Loba canta, e quase todas as criaturas voltam a viver. A Loba canta, e os lobos começam a respirar. A Loba canta tão profundo, que o deserto se arrepia... a criatura Loba de ossos secos e perdidos abre os olhos e começa a correr, rápido, até que um raio de lua a toca, e a criatura Loba se transforma em uma mulher que corre livre rumo ao horizonte.

Dizem por aí que, se vagamos no deserto e estamos perto da hora do pôr-do-sol, se sentimo-

nos um pouco perdidas e cansadas, então, temos sorte, porque pode ser que a Loba, “a Senhora que recolhe os ossos”, “Aquela que dá Vida” possa nos mostrar alguma coisa, alguma coisa da alma.

Que a Loba, a que mora no deserto, “Coatlíque”, segundo as tradições dos contos dos povos indígenas Nahuatl, “Aquela que possui Sabedoria”, “a Senhora dos ossos que recria Vida”, “a Senhora do Escurecer”, possa nos mostrar alguma coisa da alma, possa ajudar a juntar ossos e costelas de mulheres e homens, para que possamos correr, livres de todas as violências, no “outro-este mundo possível”!

À procura de Lilith

Existe um estereótipo da mulher malvada e bruxa na cultura ocidental.

Existe um modelo quase arquétipo da mulher que virou demônia, da mulher terrivelmente sedutora, habitante dos desertos e das trevas.

Nos estereótipos, essa mulher não traz sabedoria e não ilumina a alma; ela destrói crianças e homens. Em nossas culturas, essa mulher é Lilith.

Ela é a mulher autônoma, protagonista de sua vida e relações.

Ela nomeia sua identidade e seus desejos. Ela nomeia “Deus”.

Ela é Lilith, aquela que nomeia, aquela que sabe... A perigosa...

Diz-se por aí que a linguagem simbólica é a verdadeira linguagem da humanidade. A linguagem simbólica é característica do mundo interior humano. Linguagem, muitas vezes, esquecida, que emerge, novamente, no âmbito dos sonhos, em nossa imaginação e em nossa fantasia. Essa linguagem aparece, também, por meio da criação artística, quando podemos descansar um pouco de uma forma essencialista da mente que analisa, divide e engaveta, abraçando, assim, de maneira mais ampla, também nossa mente, que nos fala, igualmente, a partir de contos, cantos, encantos, de mitos e lendas.

Uma particularidade da linguagem simbólica é sua condensação de elementos. Na sua semântica grega “sym-ballo”, é o que recolhe, contém, sintetiza, integra e é alusivo a várias abstrações, idéias ou conceitos. O símbolo reúne muitas emoções e ações, com as quais se conecta e pode fazer rede, complexa (tecidajunt@s) com outros símbolos, por meio de relações de semelhança, contigüidade, analogia etc.

O símbolo é polivalente e polissêmico. O símbolo admite, em si mesmo, diferentes valores e diversas leituras. O símbolo possui, em forma ambígua e simultânea, vários níveis, significados e sentidos hermenêuticos diferentes.

Com essa complexa simultaneidade simbólica, com essa ambígua polissemia, queremos encontrar Lilith, em suas frágeis arqueologias, em suas sincronias e diacronias. Queremos dialogar com Lilith em nossas geografias de corpos, sonhos, tradições, medos, lutas, relações e místicas.

A história de uma árvore... procurando

Lilith em sua casa...

“No alto do ramo mais alto,

Uma tão rosa maçã.

Mulher.

Esqueceram-na os apanhadores de frutas?

Não.

Mãos não tiveram para a colher”.¹

Safo, poetiza grega século VII

Parece-me possível encontrar alguns sinais de arqueologia de Lilith, na antiga simbologia suméria e babilônica, integrando, inclusivamente, algumas versões da Epopéia de Gilgamesh. Nessa epopéia, a qual no mundo judaico, será chamada Lilith, possui uma significativa antigüidade na história da humanidade com suas construções e dizeres teológicos.

Procuramos, então, Lilith, no mito “Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Inferior”, um outro

1. Safo, poetiza grega século. VII a EC.

nome do mito é, provavelmente, Gilgamesh e a árvore Huluppo-salgueiro (ETCSL 1.8.1.4).

1-25: Enki, um dos deuses supremos, começa sua viagem para o mundo inferior e cai em perigos.

27-46: Naquele tempo, havia uma árvore singular, uma árvore de huluppo (salgueiro) singular. Essa árvore crescia na margem do puro Eufrates, sendo irrigada por esse rio. A força do vento sul e desenraizou e desnudou seus galhos. O Eufrates a pegou e a carregou.

Uma mulher, cheia de respeito para com as palavras de An, passou perto. Uma mulher, cheia de respeito para com as palavras de Enlil, passou perto, pegou a árvore e a levou até Unug, para dentro do jardim luxuriante de Inana.

A mulher plantou a árvore com seus pés, não com suas mãos. A mulher irrigou a árvore, usando seus pés, não suas mãos. Ela (Inana) disse: “Quando isso será uma cadeira luxuriante na qual posso me sentar?” Inana disse: “Quando isso será uma cama luxuriante na qual posso me deitar?” Passaram-se cinco anos, dez anos, a árvore tornou-se maciça, mas sua casa não rachou.

Em suas raízes, uma serpente imune às encantações fez seu ninho. Em seus galhos, o pássaro Anzud aninhou seus filhotes. No seu tronco, a “moça fantasma”² construiu uma morada para si.

47-90: Inanna procura seu irmão Utu (Deus Sol), para ajudar nos casos de Enki (que foi ao Mundo Inferior) e da árvore, contando a história toda, mas Utu não apoia Inanna.

91-135: Inanna procura o guerreiro Gilgamesh para ajudar nos casos de Enki e da árvore, con-

2. Na linha 44: [ab-bi-a ki-sikil lil2-la2-ke4 e2 im-ma-ni-ib-du3 – Lil = lil2: substantivo: vento, respiração, fôlego, infecção, espírito (de um lugar), paisagem aberta; verbo infectar. – Lá = la2: penetrar, furar, forçar uma entrada para dentro de algo (para ver): saber, cuidar, ter uma barba. – Ke4: tipo de sufixo, ocorre no fim de um termo composto com genitivo que é o ator ou o agente do texto (terminação de genitivo que, por exemplo, fazia parte do próprio nome original de Inana: Inannak). – O sumério não possui gênero gramatical feminino/masculino: só possui gênero humano e “de coisa”. Provavelmente textos paralelos ou traduções acadêmicas deduziram que lil-la-ke seja “ela” (Agradeço Monika Ottermann pela ajuda na tradução).

tando toda a história. Gilgamesh apóia Inanna. (Nas linhas 87 e 131, volta o nome $lil_2-la_2-ke_4$).

136-150: Ele (Gilgamesh)... coloca seu cinto... Um cinto com um peso de 50 minas em seus lombos (50 minas eram para ele como 30 shekel).

Ele (Gilgamesh) pega na mão seu machado de bronze, usado em campanhas, que pesa sete talentos e sete minas. Ele mata a serpente imune a encantações, que viviam em suas raízes. O pássaro Anzud, que morava em seus galhos, pega seus filhotes e foge para as montanhas. A “moça fantasma”, que vivia em seu tronco, deixa sua morada e procura refúgio no deserto.

Quanto à árvore, ele a desenraizou e desnudou seus galhos, e os filhos de sua cidade, que foram com ele, cortaram seus galhos e os amarraram em feixes.

Ele deu os galhos da árvore para sua irmã, santa Inanna, para a cadeira dela.

Ele os deu a ela para a cama dela. Para si mesmo, fez das raízes seu “ellag”, e de seus galhos ele fez seu “ekidma”.

15: Os dois objetos – provavelmente instrumentos ligados à guerra – causam sofrimento e caem dentro do Mundo Inferior por causa da reclamação de mulheres.

Seu servo Enkidu desce ao Mundo Inferior para trazê-los de volta, mas fica preso e precisa da ajuda de divindades para sair. Depois disso, Enkidu conta o que viu.

A escuridão precede a luz. Ela sou eu³

O nome Lilith deriva do hebraico Lil, que significa “noite”. Provavelmente, por esse motivo Lilith transmitiria a idéia de escuridão, de ausência de luz. Relaciona-se o nome Lilith com suas características pessoais e seu âmbito de ação: a escuridão da noite, como a outra face do dia e com os acontecimentos ligados à deusa.

O nome Lilith parece estar também vinculado com as Deusas-Mães, que carregam um matiz de

escuridão, reinam sobre os elementos do mundo subterrâneo e se relacionam com o aspecto morte/vida das coisas. São berço e sepulcro, princípio e fim, sombra e luz.

Lilith poderia ter ligação com as características, atributos e potencialidades, relacionadas com a “Magna Dea – a Grande Mãe Divina”, a Deusa em seu aspecto obscuro, no pleno sentido do termo. Na divindade, o “aspecto obscuro” seria, por exemplo, sua capacidade de regeneração, sua relação com a sabedoria profunda, sua vinculação com a morte e a vida, sua relação com as profundezas... Existe um “arquetipo lunar” na figura mitológica de Lilith. Existe nela uma ligação entre mudança e sabedoria ligada aos ciclos das luas. Lilith está, no processo diacrônico do mito, estritamente ligada ao sangue e às relações sexuais.

Na sua mito-arqueologia, Lilith é uma imagem da divindade ligada ao poder do sangue menstrual, o poder da Lua Escura. Esse tempo de poder da Lua Escura, da Lua que sangra, era o tempo de “interiorização” das mulheres; um tempo fértil de crescimento místico e espiritual por meio da “força em si mesma”.

A menstruação possuía força regenerativa na “alma-corpo-alma” das mulheres. Era o tempo tranquilo de cantos, contos, “tendas de lua”, espaços apartados, geografias de relações e rede de sabedoria entre mulheres. Espaço-tempo obscuro da fértil clareza de memória e nomeações da experiência de mulheres e suas “teo(a)-logias”.

O tempo de menstruação era também o tempo em que mulheres poderiam ter relações sexuais mais livres da possibilidade de gravidez. Relações sexuais em tempo de Lua Escura seriam relações centradas no conhecimento e no prazer. Na perspectiva patriarcal, androcêntrica e violenta, as relações sexuais possuíam, cada vez mais, a conotação de procriação. Filhos e filhas para o monstro que come filhos e se chamará “guerra”, “espada”, “ferro”, “rei”.

Lilith é uma variação hebraica (e não judaica) da deusa suméria “Lil”: o respiro, o fôlego que

3. Inscrição na Catedral Católica de Salerno-Itália.

entra e cuida... A que sabe... A tempestade que infecta até penetrar. Os dois sentidos, ambíguos, contrários e simultâneos, fazem parte desse nome. Lil, é muitas vezes, reconhecida como a "outra face de Inanna". Seu nome parece também estar relacionado à coruja, provavelmente, pelos seus hábitos noturnos e pela sua sabedoria.

A mito-arqueologia de Lilith pode remontar a Inanna, a neta suméria da deusa Nin-lil, também conhecida como "Rainha dos Céus".

Em seus templos, se praticava a prostituição sagrada e suas sacerdotisas eram conhecidas como "Nu-gig".

Os homens da comunidade buscavam a Deus nessas sacerdotisas. O ato sexual era sagrado, proporcionando a cura física e espiritual. Nessa época, Lilith era a "mão de Inanna", que pegava os homens nas ruas e os trazia ao templo de Erech para os ritos sagrados.

Entre 2500 e 1000 a EC, o culto das Deusas-Mães foi perdendo força, cedendo, cada vez mais, lugar para cultos patriarcais androcárnicos, fortemente centrados e alicerçados na violência da guerra, das espadas, do ferro e da vivência do "poder sobre" como única e monolítica forma de poder. Pelos séculos, Lilith, a Lua Escura da sabedoria e da regeneração das mulheres, a Espírita que trazia luz e sombra, morte e vida, aquela que buscava os homens para a relação de cura, torna-se no patriarcado androcárnico e violento, exclusivamente e essencialisticamente, o símbolo do mal supremo.

Lilith acaba encarnando, de muitas formas e por milênios, o medo atávico de um tipo de masculinidade hegemônica, androcárnica e sexista, a respeito do poder de obscura sabedoria regenerativa das mulheres.

Em volta de 1000 a EC, Lilith, a "respiração cuidadosa", a "espírita que sabe", "a que penetra", "a tempestade que mata", a "uma em si mesma", "a Lua Escura", foi distorcida como demônia, criando o chão de contos de emudecimento e, ao mesmo tempo, de resistência ao redor dela.

No judaísmo bíblico, Lilith aparece só uma vez, em Isaías 34, como espírito que vai morar no deserto. Encontraremos, depois, Lilith nos

textos de sabedoria judaica da Idade Média de nossa era, agora, absolutamente demoníaca e assustadora de crianças, homens e mães.

A presença da escrita sobre Lilith é bastante tardia na mística judaica, em volta do século III. Um texto dessa época: "Rabbi Yehuda Bar Rabbi diz: Deus havia criado uma primeira mulher, mas o homem, vendo-a cheia de sangue e de secreções não a quis. Assim o Santo a retomou e criou uma segunda mulher" (Gênesis Rabba 18.4 e 17.7).

Em um escrito mais tardio, um midrash chamado Alfabeto de Ben Sira, escrito por volta do século X, entra plenamente na cena da escrita essa mulher anterior a Eva. Depois de ter criado Adão, o primeiro homem, Deus disse: "Não é bom que o homem esteja sozinho". Então, Deus criou uma mulher para Adão, da mesma terra boa de onde tinha criado o mesmo Adão, e a chamou Lilith.

Logo, Adão e Lilith começaram a entrar em conflito. Ela dizia: "Eu não irei dormir com você". Ele dizia: "Eu nunca ficarei por baixo de ti na relação, só por cima, porque você é feita para ser submissa, e eu sou superior". Lilith respondeu: "Nós somos iguais porque fomos feitos da mesma terra". Mas ele não se conformava. Sem perceber, na discussão, Lilith nomeou o nome de Deus, o nome impronunciável, e, assim, a primeira mulher de Adão desapareceu no ar. Adão rezou para Deus anunciando o desaparecimento de Lilith. Deus envia seus anjos para encontrar Lilith. Deus diz a Adão que se Lilith aceitará voltar, tudo procederá bem, mas se ela se recusar a voltar e ser submissa a Adão, Lilith deverá ver morrer, por dia, 100 de seus filhos.

Os anjos encontram Lilith, mas ela não quer voltar para Adão. Os anjos querem precipitar Lilith no mar, mas ela diz: "Me deixem! Eu fui criada para provocar doenças às crianças. Se uma criança é do sexo masculino, eu tenho poder sobre ela por oito dias depois do nascimento, se for fêmea, terei poder sobre ela por vinte dias". Os anjos insistem para que Lilith volte para Adão. Então, ela propõe que, se vir o nome dos anjos em amuletos protegendo as crianças, não as atacará. Assim Lilith aceita ver morrer, todos os dias, 100 filhos demônios. Todos os dias são inscritos os nomes dos anjos para as crianças

para que Lilith não ataque os pequenos. Lilith, ao ver os amuletos, deixa sempre as crianças vivas.⁴

Como já vimos, Lilith não é, originalmente, da mitologia judaica. O Israel antigo não era monoteísta da mesma forma que o Israel judaico. O Israel antigo vivia, por meio de ambigüidades e simultaneidades, expressões de fé monolátrica. Monolatria, no Israel antigo, expressava-se na escuta, diálogo e conflito com expressões religiosas politeístas. O antigo Israel pautava sua vida tribal, clânica e pessoal pelos ciclos sazonais.

Lentamente, pelos processos monárquicos e templares, vai surgindo o judaísmo, fixando-se, depois do exílio da Babilônia e da reconstrução do segundo templo, em uma forma predominante, mas não única, cada vez mais essencialista, monoteísta, patriarcal e androcática.

Os primeiros capítulos da Bíblia, como sabemos, são de diferentes camadas literárias em significativa diacronia. Sua redação final, de cunho sacerdotal, datada, mais ou menos, entre o fim do exílio da Babilônia e do segundo templo, traz uma profunda rejeição para tudo que fosse “outro”, “estrangeiro”, “diferente”, “inimigo”, “goy”, “xeno”.

Todos os símbolos que possuíam força para trazer de volta a memória de “outra divindade possível”, não alicerçada no essencialismo e na violência, como a árvore, a serpente, e a mulher, tornam-se, na Bíblia, representações do Mal.

Árvore, serpente e mulher são, então, tratadas com menosprezo, para estabelecer uma distinção hierarquizada entre o monoteísmo judaizante e as outras expressões religiosas, entre o homem e a mulher.

Parece-me óbvio que uma transição desse porte não aconteceu sem conflitos significativos, discussões, violências, emudecimentos e resistências das mulheres. Inúmeros são os textos bíblicos a esse respeito.

Percebemos que, submeter as mulheres ao patriarcado androcático, templar e violento deve ter sido um trabalho difícil, provavelmente sem resultado radical. Essa resistência da qual temos

resquícios na Bíblia continua ainda hoje, amanhã, sempre, por trás das palavras, nos silêncios, nas experiências, nas “tendas de menstruação” espalhadas por aí, nos espaços-tempos das lutas populares, por isso “sagradas”. Essa resistência “noturna e crepuscular” continua ainda hoje nos movimentos de mulheres, nos homens que constroem “outras” masculinidades hegemônicas e não-alicerçadas na violência. Lilith continua voando por aí, promovendo perguntas, dúvidas, subversões de papéis prefixados e falsamente “naturais”, curando, desenvolvendo vida e paz para ossos e costelas. Outro mundo possível. Assim seja, porque assim já foi e assim será!

Bibliografia

- BEGG, Ean. *The Cult of the Black Virgin*. London: Arcana, 1985.
- BUSCEMI, Maria Soave. “Nós que temos asas e sabemos voar”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* [41]. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 70-92.
- GINZBURG, Carlo. *Storia Notturna: una decifrazione del sabba*. Torino: Einaudi, 1995.
- KRAMER, Samuel Noah. *History Begins at Sumer*. London: Thames & Hudson, 1956.
- PARINETTO, Luciano. *Solilunio – Erano donne le streghe?* Roma: Pellicani, 1996.
- PINKOLA ESTÉS, Clarissa. *Donne che Corrono coi Lupi*. Milão: Frassinelli, 1993.
- RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- SOUZENELLE, Annick de. *Il Femminile Dell'essere: per smetterla con la costola d'Adamo*. Gorle: Servitium, 2001.

Fontes na Internet

- Electronical Text Corpus of Sumerian Literature (ETCSL), publicado pela Universidade de Oxford, Inglaterra: <http://www.etcsl.orient.ox.ac.uk>. [s.d.]
- HALLORAN, John A. Sumerian Lexicon: <http://www.sumerian.org>. [s.d.]
- Morgane's World: http://www.morgane.org/EzoOccult/imprimersans.php3?id_article=78. [s.d.]
- Nueva Acropolis: <http://www.nuevaacropolis.es/FondoCultural/simbolismo/simbolismo7.htm>. [s.d.]

4. Otsar-Há Medrachim I, p. 47. ver http://www.morgane.org/EzoOccult/imprimersans.php3?id_article=78
www.nuevaacropolis.es/FondoCultural/simbolismo/simbolismo7.htm